

**Hiromi
Nagakura**

até a Amazônia com

**Ailton
Krenak**

CADERNO EDUCATIVO

Ficha técnica

Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

Patrocínio
Banco do Brasil

Realização
Ministério da Cultura
Centro Cultural Banco do Brasil
Instituto Tomie Ohtake

Coordenação Geral do Programa Educativo CCBB Brasília
Adriana Bertolucci

Coordenação Pedagógica do Programa Educativo CCBB Brasília
Thalita Araújo

Coordenação de Conteúdo do Programa Educativo CCBB Brasília
Arthur Gomes Barbosa

Produção Local do Programa Educativo CCBB Brasília
Isabela Militão

Pesquisa e Elaboração de texto
Fábio Roberto Barbosa dos Santos
Giulia Nicole Alves da Cunha

Projeto Gráfico e Diagramação
Clara Iwanow

Ilustração
Clara Iwanow



Até a Amazônia

A Amazônia abrange diversos países, são eles o Brasil, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. Com área total de aproximadamente 5,5 milhões de km².

Os povos originários vivem na floresta amazônica por 5 mil anos sem destruir o bioma.

Só no Brasil ela se espalha por vários estados: o Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima, Rondônia, Mato Grosso, Maranhão e Tocantins. Ocupando cerca de 60% do território da Amazônia.

A Amazônia abriga uma das maiores diversidades biológicas do mundo, com milhões de espécies de plantas, animais e insetos. Além disso, abrange a maior bacia hidrográfica do mundo, bem como a maior floresta tropical.

A Amazônia é lar de centenas de comunidades indígenas, algumas das quais vivem isoladas do mundo exterior. Essas comunidades possuem culturas, línguas e tradições únicas.

A floresta amazônica representa um terço das florestas tropicais, contendo mais da metade da biodiversidade do mundo e concentra 20% de toda a água doce do planeta, representando um tesouro inestimável para a humanidade.

A Amazônia enfrenta ameaças de desmatamento, principalmente devido à exploração madeireira, à agricultura e mineração ilegais. Isso tem consequências devastadoras para o meio ambiente e para as comunidades indígenas.

Hiromi Nagakura
Rio Tocantins
Década de 1990





Hiromi Nagakura

Hiromi Nagakura nasceu em 1952 na cidade de Kushiro, ao norte da ilha de Hokkaido, no Japão. Desde criança era interessado pelo novo, curioso por culturas, pessoas e outros lugares do mundo. Se formou em direito, mas a fotografia sempre foi pra ele, um instrumento para se relacionar com o mundo e a diversidade de culturas, pensamentos e paisagens, e veio a seguir carreira de fotógrafo.

Nagakura é um contador de histórias, e as narra por meio de suas imagens. Após tornar-se fotojornalista independente, Nagakura conheceu e fotografou por diversos lugares do mundo, como a África do Sul, Zimbábue, antiga União Soviética, Afeganistão, Turquia, Líbano, El Salvador, Bolívia, Peru, Brasil, Indonésia, México, Groenlândia, totalizando centenas de viagens.

Dessas excursões Hiromi produziu incontáveis imagens que aparecem em exposições e publicações de livros. Suas vivências resultaram ainda em reportagens, oficinas e palestras, foi personagem de alguns documentários e recebeu prêmios.

É um artista diverso, com um olhar sensível à pluralidade cultural do mundo, neste caderno e nesta exposição podemos conhecer um pouco mais de sua obra.



Ailton Krenak

Ailton Alves Lacerda Krenak, é uma liderança indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor, professor, curador desta exposição e recentemente tornou-se o primeiro indígena eleito Imortal da Academia Brasileira de Letras.

Nasceu em 1953 no Vale do Rio Doce, Minas Gerais. Viveu parte de sua vida em São Paulo, onde estudou e começou sua militância defendendo os direitos das comunidades indígenas e lutando contra a destruição ambiental. Na década de 80 fundou a ONG Núcleo de Cultura Indígena, protagonizou um momento marcante durante seu discurso na Assembleia Constituinte em protesto ao retrocesso na luta pelos direitos indígenas, participou da Aliança dos Povos das Florestas, foi assessor especial do Governo de Minas Gerais para assuntos indígenas, recebeu títulos de Doutor Honoris Causa, publicou livros e deu diversas palestras pelo Brasil.

Krenak tem sido uma voz proeminente na defesa dos direitos dos povos indígenas, lutando contra a discriminação, a marginalização e a violência enfrentadas por essas comunidades.

Nesta exposição iremos vislumbrar um pouco de seus saberes e ensinamentos, a força e a beleza de quem tem muito a nos falar.

A sombra e o Samurai

Krenak, como um guia, ao abrir caminhos pela floresta amazônica adentro, denomina Hiromi como Nagakura-san e o afirma ter sido sua “sombra que anda”, algo que o incomodou a princípio, mas logo percebeu que essa relação de lealdade entre mestre e aprendiz, era coisa de samurai.

Sua espada é uma câmera que maneja com a segurança de quem já passou por campos de refugiados e esteve no centro das praças de guerra, em vários lugares ao redor do mundo. Foi sua sombra por quase 5 anos seguidos, em sete viagens pela floresta amazônica, algumas durando até 40 dias. Passou por lugares onde somente os indígenas andaram antes dele, cobriu conflitos de terra, garimpagem clandestina, invasões, mas também festas e rituais nas aldeias.

Eliza Otsuka, ou Eliza-san, foi a intérprete de todas as entrevistas entre ambos, que não falavam a mesma língua.

Existem artistas cujo olhar vai além das lentes da câmera. Nagakura é um desses artistas, um fotógrafo que captura mais do que imagens, registra emoções e momentos únicos, costurados em uma narrativa. O olhar sensível de Hiromi, ao congelar instantes no tempo, nos presenteia com verdadeiras obras de arte. Cada fotografia é expressão de sua afetividade artística, uma forma de traduzir o mundo em retratos que falam diretamente aos nossos corações.

Por meio de suas lentes, histórias são transmitidas, permitindo que gerações futuras compreendam e valorizem a história dos povos indígenas que já habitavam e ainda habitam este território conhecido como Brasil. Fotógrafos são como guardiões de memórias, que capturam a essência de lugares e pessoas, reconhecem e honram o que é singelo em cada fotografia. Sua arte fortalece nossos laços com o passado e nos traz reflexões para o futuro, que é agora.

São esses momentos especiais que podemos apreciar quando a arte de Nagakura-san vai de encontro a sabedoria de Ailton Krenak, a sombra e o samurai se unem, abrem-se caminhos e possibilitam conexões entre pessoas com territórios, línguas, tradições e cultura diversos, expressam o seu direito de permanecer no mundo, onde a humanidade celebra a vitória da vida.

A presente exposição Hiromi Nagakura até a Amazônia com Ailton Krenak, realizada por meio do Centro Cultural Banco do Brasil e do Instituto Tomie Ohtake, traz algumas das belas imagens resultantes de suas viagens pelas aldeias e comunidades na Amazônia Brasileira, entre 1993 e 1997. São reunidas descrições acerca da cultura e costumes de 7 etnias indígenas, sendo elas: Krikati, Xavante, Yawanawá, Yanomami, Kaxinawá, Gavião da Montanha e Ashaninka.



Eliza Otsuka
Ailton Krenak durante as
viagens com Hiromi Nagakura.
Década de 1990



Krikati

Hiromi Nagakura
Aldeia São José, povo Krikati
Década de 1990

Local
Maranhão
Tempo de contato
250 anos
Tronco linguístico
Macro-jê, família Timbira
População
Cerca de 1.200 pessoas

Krikatijê (Krikati) - “Aqueles da aldeia grande”, como se autodenominam.

A Terra Indígena Krikati foi demarcada nos anos 1990, mas sofre invasões e depredações do patrimônio natural. São guerreiros e seu povo se mobiliza para proteger suas terras e tradições. A vida na aldeia se divide em dois grandes tempos: o das chuvas, quando ocorrem rituais ligados à natureza e fartura, e o da seca, que marca as cerimônias de iniciação dos jovens. Os cantos são o eixo das cerimônias, as vozes de homens e mulheres, com o movimento do maracá nas mãos do puxador, juntam-se às coreografias da dança e corpos pintados de jenipapo e urucum.



Canto dos
Krikati



Xavante

Hiromi Nagakura
Aldeia São Pedro, povo Xavante
Década de 1990

Local
Mato Grosso
Tempo de contato
75 anos
Tronco linguístico
Macro-jê
População
Cerca de 23 mil pessoas

“Gente verdadeira”, como se autodenominam.

Povo guerreiro e caçador, vivem nos campos do cerrado há quase 200 anos. Resistiram à entrada das frentes de atração na década de 1940, atacando com flechas e bordunas os aviões que sobrevoaram a aldeia. A pacificação dos “warazu” - estrangeiros - aconteceu a partir de 1946, durante a Grande Marcha para o Oeste. Há nove Terras Indígenas demarcadas em municípios do Mato Grosso e cada uma lida com diferentes ameaças ao patrimônio físico e cultural, com interferência de religiões, agronegócio e projetos de desenvolvimento das cidades.

Os A'uwê são de uma linhagem antiga e vieram da raiz do céu. Os homens usam brinco e gravata cerimonial de algodão. Homens e mulheres se pintam com jenipapo, carvão e urucum, tiram as sobrancelhas e os cílios, usam cordinhas nos pulsos e pernas. Há uma cerimônia de furação de orelha que acontece para toda a comunidade a cada 5 anos. Para o povo A'uwê, o sonho direciona a vida, dá um rumo, uma orientação, responde a todas as questões, e é através dos sonhos que os cantos são transmitidos pelos ancestrais.



Canto dos
Xavante





Yawanawá

Hiromi Nagakura
Povo Yawanawá
Década de 1990

Local

Acre – Rio Gregório (também no Peru e Bolívia), município de Tarauacá

Tempo de contato

Aproximadamente 150 anos

Tronco linguístico

Pano

População

Cerca de mil pessoas

Yawanawá – povo da queixada. Vive às margens do Rio Gregório, onde era apenas território tradicional e hoje é o município de Tarauacá, no Acre. Passaram por um período de escravização e apagamento desde o final do século 19 até a década de 1970, causados pela ocupação dos seringalistas. Depois de serem reconhecidos como povo originário, conquistaram a demarcação de suas terras e hoje buscam divulgar sua cultura e espiritualidade, convidando os não indígenas a conhecerem e participarem de seus costumes. A iniciação espiritual envolve dietas e ingestão de plantas que oferecem ensinamentos através de visões e sonhos, já os rituais de cura envolvem a ayahuasca, chamada de Uni.



Canto dos
Yawanawá



Yanomami

Hiromi Nagakura
Arina Yanomami
Década de 1990

Local

Roraima e Amazonas, Venezuela

Tempo de contato

Mais permanente há cerca de 70 anos

Tronco linguístico

Língua Yanomami

População

Cerca de 28 mil (no Brasil)

Yanomami – Possuem diversos subgrupos que se deslocam e criam aldeias nas florestas do extremo norte do Brasil, talvez sejam o último grande grupo humano vivendo de forma tradicional e livre, com seu conhecimento, sabedoria e arte à semelhança de seus ancestrais criados por Omame – Criador -. Viveram milhares de anos de maneira autônoma, sem dependência do mundo que se fechava em torno de suas aldeias, mas a pressão dos “nape” – estrangeiros, inimigos – chegou durante os anos de ditadura, a partir da ocupação do “grande vazio” da Amazônia, causando a morte de centenas de mulheres, homens e crianças, assim como rios e florestas que ainda são destruídos pelos garimpos. Os Yanomami são belos, fortes, sábios, utilizam plumas e pinturas de ucurum, constroem casas monumentais, as narrativas e cantos são o legado desse povo que mantém o céu suspenso. Segundo a cosmologia Yanomami, o céu é sustentado pelos xamãs com a ajuda de espíritos xapiri, que mantêm afastadas as epidemias, protegem a floresta e os seres humanos.



Canto dos
Yanomami





Huni Kuin — Kaxinawá

Hiromi Nagakura
Povo Huni Kuin – Kaxinawá
Década de 1990

Local

Rios Tarauacá, Jordão, Breu, Muru, Envira, Humaitá e Purus, Acre, Amazonas e Peru

Tempo de contato

Cerca de 120 anos

Tronco linguístico

Pano

População

Cerca de 10 mil pessoas

Huni Kuin (Kaxinawá) – “Gente de verdade”. Os povos nativos viveram nas bacias dos rios Juruá – rio que nasce no Peru e banha os estados do Acre e Amazonas – e Rio Jordão no Acre até o fim do século XIX, tinham o domínio da extração do látex e foram escravizados pelos patrões de seringa, no que chamam de tempo da “correria”. A partir de 1970, começam a viver o tempo do renascimento. São profundos conhecedores da floresta transmitida aos ancestrais pelo Yuxin, os espíritos/encantados, e através da sabedoria do Nishi Pay – a ayahuasca. As mulheres são donas dos Kenes, os desenhos tradicionais transmitidos por Yube – a Jiboia – expressos na arte de tecer, pintar o corpo, fazer cestaria e panelas de barro.



Canto dos
Kaxinawá



Gavião da montanha

Hiromi Nagakura
Hõnpryra Rõnõre jõnpiti, conhecido como Payaré; seu filho Kõjitõtí, conhecido como Claydivaldo Costa Valdenilson; e sua sobrinha Hãlajwyi Lima Hãràxàre
Década de 1990

Local

Pará

Tempo de contato

Mais intensivo a partir de 1920

Tronco linguístico

Jê, língua Timbira

População

Cerca de 800 pessoas

Akrãtikatêjê (Gavião da Montanha) – Habitantes das margens do Tocantins, passaram a sofrer com o avanço dos kupen – estrangeiros/brancos – no final dos anos 1930, por conta do interesse dos empresários e políticos pela castanha na região de Marabá. O Serviço de Proteção aos Índios (SPI), tentou por vários anos a pacificação desse povo para evitar que fosse dizimado pela população local. A violência dos invasores e mortes por epidemias reduziram o povo a 30% de sua população original. O contato do SPI com os nativos só aconteceu no final de 1940. Depois veio a exploração da mão de obra dos indígenas pelo próprio SPI e a partir da ditadura de 1970, seu território foi cortado por estradas, ferrovias e linhas de transmissão de energia, aldeias foram alagadas pela hidrelétrica de Tucuruí. Foram décadas até que se reerguessem e retomassem suas vidas.





Ashaninka

Hiromi Nagakura
Com chapéu: Isaac Piyāko; sem camisa: Benki Piyāko; na flauta: Yeko; no lado ajeitando o tambor: Antônio Piyāko
 Década de 1990

Local

Vale do rio Juruá - Acre e Peru

Tempo de contato

Cerca de 120 anos

Tronco linguístico

Aruak

População

Cerca de 3 mil pessoas (no Brasil)



Ashaninka - Já habitavam um vasto território de florestas muito antes de erguerem as fronteiras dos países que se apossaram dessa região. As famílias dos rios do Alto Juruá, como o Amônia e o Breu, também sofreram a invasão dos seringalistas entre os séculos XIX e XX. Porém, fortalecidos em sua tradição e identidade, não se deixaram escravizar, mantendo sua cultura e independência. A população cresceu, áreas depredadas foram recuperadas e os cuidados renderam frutos e fartura. Criaram estratégias de enfrentamento e alianças com os não indígenas que chegaram a seu território, através de parcerias, equipagem de tecnologia de comunicação e monitoramento para controlar invasões e ameaças. Seu traje - a kushma, tecida em algodão por mulheres -, os colares de sementes e plumas cruzados no peito, o chapéu-cocar trançado com palha de palmeira e adornado de penas de araras, dão identidade a esse povo senhor de seus caminhos. Também recebem ensinamentos através dos rituais da ayahuasca.

Canto dos
 Ashaninka

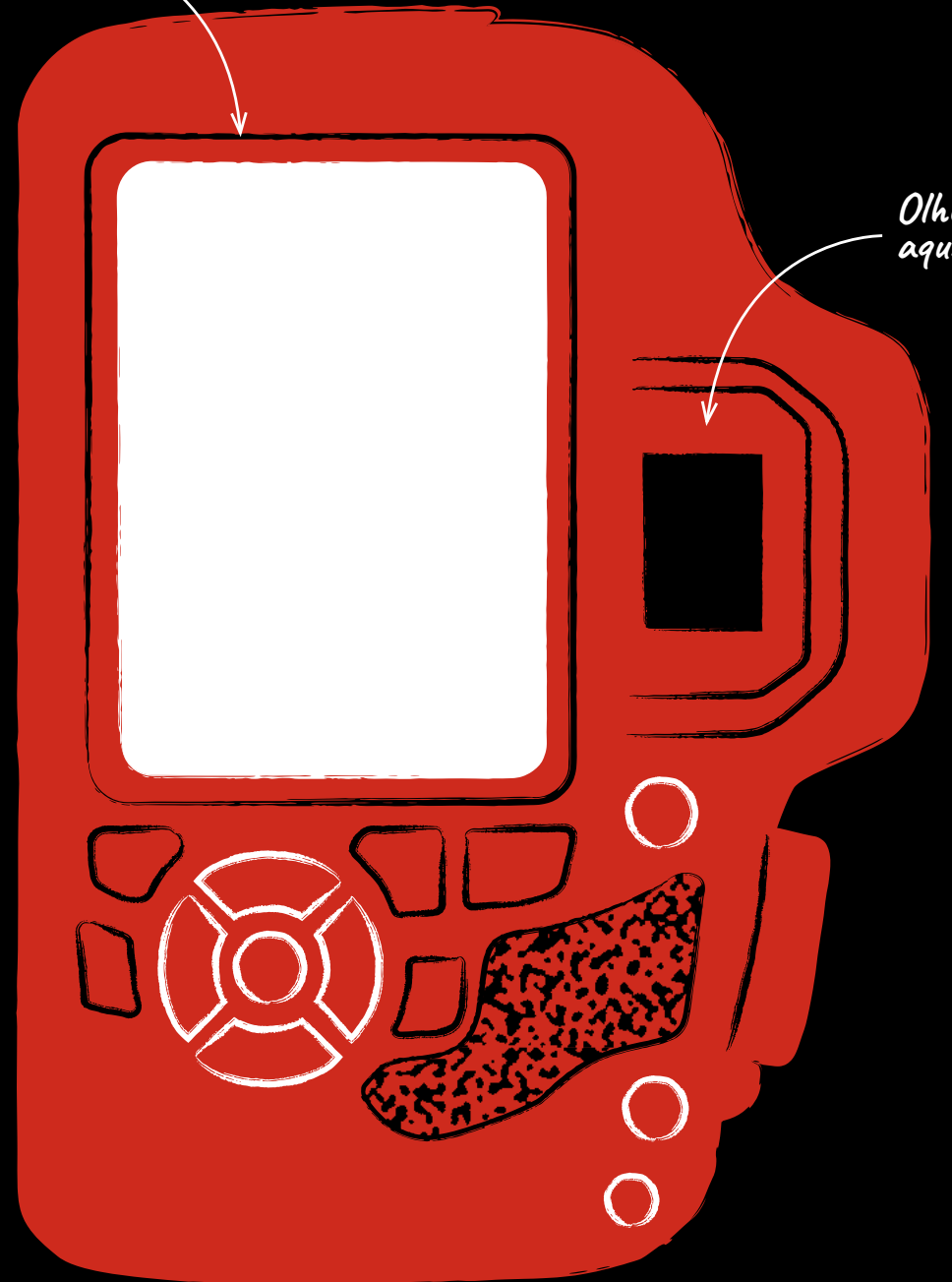


Hiromi Nagakura.
Vista aérea do território Yanomami.
 Década de 1990.



Década de 1990.
Yanomami.
Visão aérea do território.
Híomi Nagaikura.


Desenhe aqui
sua foto



Olhe
aqui



Centro Cultural Banco do Brasil Brasília
SCES, Trecho 2 - Brasília/DF

bb.com.br/cultura
  /ccbbbrasil
 / @ccbbcultura

Produção



Realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA

